



Docência universitária: desenvolvendo competências linguísticas em leitura(s) e produção textual científica

Vânia Maria Marques Portela
Universidade Tecnológica Nacional - Faculdade Regional Buenos Aires
vania.portela@yahoo.com.br

Estela Maris Giordani
Faculdade Antonio Meneghetti - Universidade Federal de Santa Maria
estelagiordani@gmail.com

Eixo Temático: Ciência, Tecnologia, Inovação e Sociedade

Resumo: O presente trabalho tem como meta, através de práticas pedagógicas e de postura interdisciplinar, atingir o desenvolvimento de competências linguísticas em leitura(s), compreensão intelectual e produção textual científica em acadêmicos do Ensino Superior da área de ciências humanas e exatas. Para tal, busca-se estudar a proposta curricular e a prática em leitura (s) até a produção textual e suas conseqüências na formação do espírito científico no jovem universitário das referidas áreas.

Palavras-chave: leitura (s); compreensão; pesquisa; produção textual.

University teaching: developing language skills in readings and scientific textual production

Abstract: The actual work has as theme the development of language skills in reading (s), intellectual understanding and scientific textual production, through the pedagogical practices and interdisciplinary approach, in academics of higher education in the humanities and exact sciences. The aim is study the curriculum and the practice in reading (s) till the textual production and their consequences in scientific spirit formation in the young university.

Keywords: reading (s); understanding; research; textual production.

1 Conjuntura Atual

No mundo globalizado, os fenômenos sociais, ambientais e educacionais apresentam-se integrados e, cada vez mais, existe o apelo à formação das capacidades humanas. Assim, o papel da leitura, da compreensão e da expressão, tanto oral como escrita, ocupam uma posição de destaque, tornando-se altamente valorizados e utilizados no relacionamento e entendimento entre pessoas e instituições. Ao mesmo tempo em que há um movimento pela superação da fragmentação das ciências que reduzem a vida humana, a ciência e o conhecimento a compartimentos estanques e incomunicáveis, há também necessidade de desenvolver uma reflexão e uma tomada de decisão quanto ao papel da universidade, pois é



nela que se forma a grande maioria dos pesquisadores do ensino superior. E, como produtora de conhecimentos, é capaz de contribuir na formação de um ser humano integral, cidadão e de relações. Além da capacidade de desenvolver no processo de ensino e aprendizagem habilidades e competências de uma leitura crítica, científica e interpretativa tanto de texto, contexto e frente às ferramentas da tecnologia informativa e comunicativa, bem como de uma compreensão intelectual e humana. Saberes estes que se relacionam e são necessários para promover o desenvolvimento do espírito científico nos acadêmicos.

Neste contexto, dois problemas foram levantados em pesquisas acadêmicas que precisam ser enfrentados pela Universidade e pelos educadores. Um diz respeito à falta de domínio da linguagem científica no processo de formação de professores, que se refere a uma nova forma de racionalidade, de um novo modo de pensar e agir perante a realidade, conforme apresenta Giordani (2003). O outro, aponta Luft (2002), os alunos estudam em média oito anos de Português no Ensino Fundamental, três anos no Ensino Médio, sem levar em conta os cursinhos preparatórios e, ainda assim, milhares de redações são consideradas insatisfatórias em concursos e para o ingresso universitário. Logo, os alunos, com esse perfil, passam a encontrar certas dificuldades em realizar diferentes leituras. Essa situação pode ser justificada pelo baixo domínio da linguagem científica e pela reduzida capacidade da compreensão intelectual. Isto é, de compreender o que se está lendo, das discussões que perpassam os conceitos de que os autores trazem em suas teorias, de relacionar e contextualizar os conhecimentos de forma interdisciplinar.

Nesse sentido, para desenvolver tais habilidades se faz necessário que a pesquisa seja vista, ou seja, conforme Demo (2004), caracterizada por um “*questionamento reconstutivo*”, sinalizando, sobretudo, a capacidade de inovar e intervir, relacionando, naturalmente, a teoria com a prática. Também o desenvolvimento de tais competências humanas apela para o cumprimento da responsabilidade das instituições universitárias com a formação qualificada de seus profissionais.

Delors et al. (2001, p.80), em *Educação um tesouro a descobrir*, diz que “a educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”, e deve, também, ser referencial frente à um mundo complexo e constantemente agitado, dando



resposta ao conjunto de suas missões. Essa visão do autor (ibid., 2001) envolve, concomitantemente, as quatro aprendizagens fundamentais: de *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e, finalmente, *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. Nesse viés, destaca Morin (2001), que para a educação do século XXI é necessário o saber da compreensão, pois considera um dos maiores obstáculos no estudo e na aprendizagem da ciência. Logo, cabe verificar e analisar como a Universidade assume essa responsabilidade como formadora de docentes, principalmente no curso de Letras, por ter como objeto de estudo a(s) leitura(s), a compreensão e a produção textual proposto no trabalho de pesquisa a ser desenvolvido, bem como as alternativas de práticas pedagógicas interdisciplinares, tendo em vista o desenvolvimento de aprendizagens. Para Severino (1993), esse saber está diretamente relacionado com as lacunas que os estudantes encontram tanto na capacidade de realizar leitura(s) como na compreensão textual, salientando que:

Habitados à abordagem de textos literários, os estudantes, ao se defrontarem com textos científicos ou filosóficos, encontram dificuldades logo julgadas insuperáveis e que reforçam em uma atitude de desânimo e desencanto, acompanhada de um juízo de valor depreciativo em relação ao pensamento teórico (SEVERINO, 1993, p. 47).

Vários fatores parecem estar presentes neste problema. Perkins e Blythe (2006) apontam três: em primeiro lugar, levantam a hipótese que o entendimento de sua importância e presença no currículo é, muitas vezes, apenas uma entre muitas agendas. Em segundo lugar, raramente encontram apoio para o ensino da compreensão entre os professores e gestores. E, em terceiro lugar, surgem dúvidas sobre as estratégias mais adequadas, tais como: que currículo seria mais adequado, que as atividades e as avaliações fossem melhor organizadas e que fosse dado um suporte mais eficaz ao ensino e aprendizagem da compreensão.

Morin (2001) salienta que nenhuma técnica de comunicação, do telefone à internet, traz por si só a compreensão percebível diante do nível de incompreensão presentes em diferentes instituições, inclusive nas educacionais e nas relações humanas interpessoais.

Apesar de todo o esforço no fornecimento de acesso aos meios diversos de comunicação e tecnológicos, persiste a falta de comunicação humana ética, compreensiva e



respeitosa. Diante dessa realidade, a Universidade, os docentes e discentes precisam levar em consideração, ainda, a presença dos diferentes modos de instrução, que não se constitui por si só em redes de aprendizagens. Portanto, há necessidade de ressignificá-los em torno de um novo paradigma educativo. Inclusive o conceito sobre aprendizagem de cara a cara, como chama Fainholc (2004): precisa redefinir-se e conceituar-se de novo de cara ao entorno da rede. E passa a requerer o entendimento da natureza do meio, a fim de conceitualizar e estruturar a planificação de ensino aprendizagem sob esse novo olhar de educação, que oferece oportunidades sem precedentes.

Destaca-se que as Tecnologias de Informação e de Comunicação possuem um potencial de transformação que permitem acumular enormes quantidades de informações em forma imediata e possibilita, ao mesmo tempo, superar os limites físicos e espaciais para a comunicação em condição necessária ao conhecimento. No entanto, essa construção é tarefa das pessoas e não dos aparatos, portanto deve ser crítica.

Conforme aponta Pimenta e Anastasiou (2010), na sociedade contemporânea, as transformações acontecem rapidamente tanto no mundo do trabalho, como no avanço tecnológico e acabam incidindo na escola, aumentando seu desafio em torná-la, efetivamente, uma conquista democrática. As autoras acreditam que o conhecimento possibilita mudanças de percepção e a compreensão das transformações necessárias. E que a ação educativa contribui com o processo de humanização de docentes e discentes numa perspectiva de inserção social crítica e transformadora. Para elas, essas mudanças não serão nada fáceis, pois a maioria dos docentes formou-se em um paradigma, incorporando princípios, regras e condicionamentos de um modelo considerado, hoje, obsoleto. Acrescentam (ibid., 2010, p. 37) ainda, que “no panorama internacional, constata-se, nos países mais avançados, um crescimento da preocupação com a formação e o desenvolvimento profissional de professores universitários e com as inovações no campo da Didática”. Em acréscimo, há uma preocupação diante da qualidade dos resultados do ensino superior e das novas demandas que são postas como responsabilidades destes profissionais, sobrecarregando-os; o que já está sendo tema em estudos e pesquisas.

Então, a Universidade na leitura de Buarque (2003), enquanto formadora de docentes, produtora e disseminadora de conhecimentos encontra-se em uma encruzilhada, pois, ao



longo de quase mil anos de história, representou estoque de conhecimentos que o graduado tinha para a vida toda, o conhecimento como propriedade específica do aluno em sala de aula, transmitido por professores ou por livros e o diploma como passaporte seguro para o sucesso. Hoje, o conhecimento é contínuo e necessita ser atualizado constantemente, encontrando-se por toda parte, por diversos canais, e somente o diploma não basta mais, pois o mercado profissional é competitivo, exigindo constantes reformulações. Dessa forma, não deveria haver mais ex-alunos, pois estes deveriam estar sempre com assessoramentos e atualizações na Universidade de origem, que seria mais uma das responsabilidades da Universidade contemporânea. Assim sendo, o futuro de uma nova instituição superior precisa estar aberta a essas mudanças, que ocorrem constantemente. Além, é claro, de tomar uma posição diante da conjuntura apresentada.

2 Responsabilidade mútua entre universidade e docentes no desenvolvimento de competência linguísticas em leitura(s) e produção textual

Nesta primeira década do século XXI, estamos inseridos em um contexto histórico, cuja herança educacional está sob uma forte influência política e econômica envolta numa revolução tecnológica e eletrônica. Essa evolução vem associada a outras grandes transformações, as quais circundam tanto na mente como na atividade do homem. Esse período, também conhecido como a “era do conhecimento”, pelas transformações ocorridas, conduz as pessoas às novas visões e ações, Todavia, o novo não se constrói sem o velho, o que passa a estabelecer-se uma situação de tensão e conflito, possibilitando mudanças (CUNHA, 1998).

Segundo Buarque (2003), a Universidade, diante dessas transformações radicais, representa, ainda, um patrimônio intelectual, independência política e crítica social e que, com tais características, passa a ser a mais bem preparada para reorientar o futuro da humanidade. Cabe a essa Instituição de Ensino Superior enfrentar esses desafios contemporâneos, tanto os seus próprios (internos), como os externos, que são caracterizados pelos anseios e expectativas da sociedade. Além destes, trazer para si a responsabilidade de desenvolver, em seus corpos discentes, saberes que favoreçam o desenvolvimento de competências linguísticas



de leitura literária, científica e tecnológica, compreensão intelectual e de produção científica. Para isso, precisa-se apontar e discutir novas propostas pedagógicas e metodológicas, e ainda, refletir sobre as mudanças que se fazem necessárias nas concepções educacionais.

Nessa conjuntura educacional, Pimenta e Anastasiou (2010, p.189), dizem que há uma tendência de valorização da pesquisa no ato de ensinar. Onde o ensino é considerado “como um fenômeno complexo, enquanto prática social realizadas com seres humanos, é modificado pela ação e relação desses sujeitos, que, por sua vez, são modificados nesse processo.” E com a concepção de homem, como ser integral e complexo, o processo ensino e aprendizagem, precisa, igualmente, ser desenvolvido sob uma ótica global e com uma postura interdisciplinar. Que, para Santomé (1998), será o renascimento da visão holística de mundo, o retorno às raízes. Para ele, ser interdisciplinar é ter consciência de que o universo é um todo, do qual o homem é integrante, assim como os oceanos e a perfeição da natureza.

Para tanto, necessita-se saber a *língua*, ou seja, movimentar-se dentro dela, transitar entre diferentes textos e contextos, que, na visão de Freire (1989), não é saber apenas sua estrutura ou o seu funcionamento, nem é saber analisá-la gramaticalmente. O uso adequado da língua nos permite esse exercício amplo e correto de cidadania, pois para o autor, saber uma *língua* é ter conhecimento completo de como dizer, a quem dizer, quando e onde dizer estabelecendo, assim, um diálogo, uma comunicação efetiva através da fala, leitura e escrita, além de uma compreensão humana e intelectual, visão interdisciplinar e respeitosa.

Porém, com o avanço tecnológico, temos presente outra forma de comunicação, chamada de linguagem em rede, ou seja, o hipertexto, em que um texto apresenta-se com diferentes meios e, ao mesmo tempo, convergentes, carregados de informações, em torno de sons, imagens, animações e esquemas. Pois TEAeC, apresentada por Fainholc (2004), permite-se a recuperação do texto instantaneamente e agrupa-os, conforme necessidades e interesse do usuário/estudante, não mais de forma linear, mas enlaçados ou vinculados, ordenados, hierarquizados e generaliza os conceitos da informação. Assim, esta modalidade de texto deve ser democratizada. Portanto, as instituições e docentes necessitam repensarem e se responsabilizar com a formação dos acadêmicos, inserindo-os nesse meio globalizado.

Nessa lógica, Fainholc, (2009) diz que a sociedade reclama, cada vez mais, por uma educação significativa, congruente a isso, que o campo da TEAeC requer um cuidadoso



tratamento. A autora define como uma organização integrada de pessoas, significados, conceitualizações, artefatos simples e/ou equipamentos complexos eletronicados, pertinentemente adaptados, a serem utilizados para a elaboração, implementação e avaliação de programas, projetos e materiais educativos, visando à promoção da aprendizagem contextualizada de um modo livre e criadora. Portanto, a Universidade, além de desenvolver sua função destinada à reconstrução do saber, é uma Instituição responsável por uma educação contemporânea, que prepare as novas gerações de profissionais na condução do país e da sociedade com discernimento, visão crítica e criativa. Em que haja uma relação próxima entre pesquisa e aprendizagem, pois o pesquisar configura-se em uma das melhores formas de aprender, proporcionando o desenvolvimento aprimorado de habilidades fundamentais, ou seja, segundo Giordani (2003), fazendo-se presentes no processo de pesquisa.

Dentre estas competências ressalta, também, a capacidade de leitura(s), escrita e de interpretação, como exigências básicas e desenvolvidas em projetos de Iniciação Científica. Esse processo compreende o conhecimento de determinada realidade, que implica numa análise sistemática dos elementos que a compõem, procurando separar os distintos elementos e partes que o integram, a fim de reconstruir uma base em novas descobertas, hipóteses e significações, passando, assim, adquirir os novos saberes necessários apontados para a educação do futuro, indicados por Delors et al.(2001).

Segundo Meneghetti (2006), é preciso inserir, nos currículos universitários ou programas de estudo, formações básicas nas disciplinas, é preciso também, segundo o autor, “insistir, na universidade e nos programas de estudo, sobre a formação de base nas várias disciplinas. Da maturidade e confiança com os saberes fundamentais - da química à filosofia – nos capazes por natureza, logo se desenvolve alguma aplicação específica” (p. 186-186).

Assim sendo, há uma responsabilidade mútua entre Universidade e docentes em reverem os pressupostos epistemológicos da ciência moderna nos processos formativos da educação superior, pois estes já não dão mais conta da realidade complexa e sistêmica que se percebe na atualidade. O desenvolvimento das ciências e das novas percepções da realidade convida-nos a repensar a maneira de ser e agir diante dessa realidade, inclusive quanto à função de ser professor-educador-pesquisador. Pois, segundo Severino (2008), o aluno e professor precisam da pesquisa para bem conduzir um ensino eficaz.



Freire (2000) destaca que entre os saberes necessários à prática educativa, o fator preponderante para o sucesso na formação de um educador competente é que o próprio seja capaz de olhar para o mundo, para si e sugerir que os alunos façam o mesmo, e não apenas ensinar regras e teorias. O professor deve trabalhar com mentes e corações, trazendo as situações do mundo para a sala de aula e explorá-las, enriquecê-las paralelamente aos conteúdos do currículo escolar. Deve responsabilizar-se, ainda, pelo estímulo dos discentes, a fim de desenvolver o pensamento, a observação do mundo, proporcionando uma educação que o leve a ser cidadão, mostrando-lhes os caminhos a trilhar, ou seja, que o torne um educando pensante, pró-ativo, crítico-reflexivo, autônomo, responsável, criativo, sujeito do conhecimento e que tenha consciência da necessidade de constante atualização.

Eis o paradoxo, os professores procuram ensinar para a compreensão mediante de estudos de textos, e até com hipertextos, entre outras atividades. Logo, nessa visão de ensino não há algo de novo, mas sim, há a necessidade de mais constância, profundidade, e criatividade quanto às diferentes leituras, sendo estas mais críticas, atualizadas, integradas a tecnologia educativa apropriada e com uma compreensão científica, conforme pondera Perkins (2006): *“pero sí un definitivo “más y mejor”*.

3 Considerações Finais

Enfim, há desafios profundos que precisam ser enfrentados para termos um desenvolvimento sustentado, a começar pela educação, da básica à universitária. Chamando à responsabilidade todos os envolvidos no processo educacional, inclusive a sociedade com suas representações sociais. Alguns questionamentos precisam ser ponderados e respondidos, tanto pelas instituições universitárias como pelos docentes, os quais serão objeto de estudo e de análise neste trabalho investigativo: tais como o desenvolvimento em acadêmicos, da competência linguística em leitura(s), compreensão intelectual, de produção científica e de habilidades em comunicação em todos os esquemas de relações, tanto interpessoal, intrapessoal e a virtual. Assim como o entendimento da diferença entre o falar e dizer, ver e olhar, e o sentir. E que, após realizarem as diferentes leituras, sejam capazes estabelecerem relações e interpretações interdisciplinares.



RESPONSABILIDADE E RECIPROCIDADE

Valores Sociais para uma Economia Sustentável

Além da temática educacional e contemporânea pautada na proposta do trabalho de pesquisa, analisar-se-á o referencial teórico-bibliográfico e o currículo real da Universidade Federal da Fronteira Sul quanto à sua implementação e aos resultados obtidos através das práticas pedagógicas desenvolvidas, diante do foco do presente tema em estudo. Concluímos esta reflexão científica com o pensamento de Demo (2009, p.28): “a teoria precisa da prática, para ser real. A prática precisa da teoria para continuar inovadora. (...) E nenhuma prática esgota a teoria, nenhuma teoria dá conta de todas as respostas”.

Referências

- BUARQUE, Cristovam. A Universidade na Encruzilhada. UNESCO. Anais: **Educação Superior: reforma, mudança e internacionalização**. UNESCO: Brasília, 2003.
- CUNHA, Maria Izabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.
- DEMO, Pedro. Iniciação científica: razões formativas. In: MORAES, R. & LIMA, V. **Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Metodologia científica no caminho de Habermas. 7. ed. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 2009.
- FAINHOLC, B. **La lectura crítica en internet**. Rosário: Homo Sapiens, 2004.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GIORDANI, Estela. M. Docência no Ensino Superior: formação e desenvolvimento docente. In: **Anais do II Fórum de Ensino Superior do Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina**. Xanxerê: Unoesc, 2003.
- MENEGHETTI, Antonio. **La crisi delle democrazie contemporanee**. Roma: Psicologica Editrice, 2006.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/ Brasília: UNESCO, 2001.
- PERKINS, David; BLYTHE, Tina. **Antes de tudo, a compreensão**. S/L: Eduteka/Mayo, 2006.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASION, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Ensino e pesquisa na docência universitária: caminhos para a investigação**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação (FEUSP).